

A Ideia Nacionalizante de Portugal na Obra do Abade de Baçal.

José Eduardo Franco
Un. Aberta / CLEPUL-FLUL*
joseeduardofranco@gmail.com

Resumo

O nosso artigo analisará o legado historiográfico do Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, na perspetiva de procurar compreender qual o ideário que lhe subjaz na construção de uma ideia de Portugal, valorizando o papel do local e do regional no quadro nacional.

Palavras-chave: História, Ideografia de Portugal, Bragança, nação.

Abstract

Our article will analyse the historiographical legacy of Father Francisco Manuel Alves, Abbot of Baçal, in the perspective of trying to understand his ideology in the construction of an idea of Portugal, valuing the role of local and regional in a national framework.

Keywords: History, Ideography of Portugal, Bragança, nation.

* CIDH - Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (Universidade Aberta/CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

“É isto a tradição. A tradição que não é fixação em fórmulas rígidas, que não é mera repetição de momentos que já foram, mas que é realização, ao longo dos anos sucessivos, de uma primeira ideia inicial em resposta às exigências da atualidade histórica concreta. Portanto: o primado do espírito sobre a letra, do conteúdo sobre a forma, da inspiração sobre a formulação. É o espírito, é o conteúdo, é a inspiração dados no princípio, que hão de animar as consecutivas estruturas e reestruturas de uma sociedade, de uma instituição, de um simples instrumento que queira conservar as suas funções.”

Padre Manuel Antunes¹

O tempo do Abade de Baçal é marcado pela sucessão de três regimes políticos (Monarquia Constitucional, República e Estado Novo), pela afirmação de vários projetos para “Portugal” apresentados e defendidos por diferentes movimentos, correntes e partidos, e pela complexa história de relação entre a Igreja e o Estado²: de parceira a separada até chegar a cooperadora subjugada no tempo da ditadura no quadro de uma espécie de neo-regalismo de Estado.³

Também é o contexto em que se revelam, no quadro de uma tradição multissecular de relação de distintos eclesiásticos com a alta cultura, algumas figuras provindas do clero secular e regular que se destacam no panorama nacional e regional como homens de cultura e de ciência, contribuindo para o conhecimento e a valorização do património imaterial das suas terras.

Uma das características distintivas do clero culto é a associação do múnus sacerdotal ao múnus cultural. Desde as mais antigas civilizações humanas que a classe dos sacerdotes era não só a detentora das funções culturais, mas também ela formava os mestres que detinham e definiam o saber sobre o mundo e a vida e tornaram-se, aquando da emergência da cultura escrita, os primeiros letrados.

Na verdade a cultura humana nasce num processo de distinção entre sagrado e profano. A arte, a ciência, a sabedoria desenvolve-se a partir da consciência de que a humanização da natureza implica um processo de distinção, de definição das

¹ “Renovação na continuidade”, in *Brotéria*, Vol. 80, janeiro, nº. 1, 1965, p. 3. Este excerto é tirado do primeiro editorial da *Brotéria* sob a direção de Manuel Antunes. Embora seja assinado com o nome coletivo de “Direção”, concluímos pelo estilo de escrita que é da autoria individual do novo diretor da revista, como verificámos noutros textos seus assinados com diversos pseudónimos, nomes coletivos e nomes abreviados. Na Obra Completa de Manuel Antunes edita pela Gulbenkian tivemos a oportunidade de identificar exaustivamente todos os textos deste autor editados a coberto de muitas assinaturas pseudonímicas.

² Luís Salgado de Matos, *A Separação do Estado e da Igreja. Concórdia e Conflito entre a Primeira República e o Catolicismo*, Lisboa, Dom Quixote, 2011.

³ Cf. Fernando Catroga, *Entre Deuses e Césares: Secularização, Laicidade e Religião Civil. Uma Perspectiva Histórica*, Coimbra, Almedina, 2006.

fronteiras do tempo e do espaço tendo por referência um ideal de transfiguração, de superação da condição animal, elevando-a a um horizonte de sentido que justifique a percepção da sua diferença e superioridade no reino natural.

Não é por acaso que a raiz etimológica de cultura é a mesma da de “culto”. E quanto ao seu significado podemos avocar aqui o pensamento do Padre Manuel Antunes, que considera a Cultura como aquilo que faz o homem ser plenamente homem⁴. Importa lembrar que os atos de sacralização de unidades de espaço e de tempo, territórios separados e tempos especiais, constituem as primeiras expressões de alta cultura e de civilização humanas que, por sua vez, se ligam com às manifestações primigénias da criação artística, literária e de pensamento sobre o cosmos. O despoletar antropológico da consciência de sagrado liga-se intimamente ao entendimento da condição humana como ser distinto no meio natural com uma vocação especial de poder interligar o meio humano e o meio divino.

Daqui surge o conceito de religião ou de ideia religiosa, ou seja, de “religio” (religar), como instrumento tornado sistema para reatar o elo perdido entre a dimensão natural e a dimensão espiritual ou transcendente. E a constituição dos espaços e tempos sagrados prende-se com essa demanda humana de encontrar um território privilegiado para restabelecer essa harmonia perdida pela qual se crê garantir a estabilidade e prosperidade da vida humana, individual e coletiva. O sacerdote tornou-se, neste quadro, o mediador por excelência, logo o primeiro criador de cultura e o grande mestre de sentido e da demanda de plenitude.

A história da cultura portuguesa e do processo de consolidação do projeto “Portugal” como país independente cimentado na criação de elementos identitários estruturantes tem como exímios protagonistas membros do clero secular e regular que, século a século, região a região, deram contributos decisivos em termos da afirmação e estruturação da nossa língua, da nossa história, da ideia de nós como país com um grande passado ao qual era prometido um maior futuro ainda.

Podemos recordar logo no momento fundacional do Reino o papel do Abade São Teotónio e a sua liderança espiritual à frente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ajudando a sustentar e a dar sentido transcendente ao projeto

⁴ Padre Manuel Antunes, *História da Cultura*, Tomo I, Vol. IV da Obra Completa, Edição Crítica, Coordenação Científica de Luís Filipe Barreto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 86 e ss.

independentista de Dom Afonso Henriques.⁵ No dealbar da Época Moderna, o tempo em que Portugal foi construtor da proto-globalização, foi então relevante o contributo qualificado de padres, monges e frades para a afirmação, aperfeiçoamento e promoção da nossa língua e da nossa história passada, fazendo gloriosas as nossas origens. Entre as elites de padres, abades e frades podemos lembrar o Padre Fernando Oliveira, com a sua primeira gramática da língua portuguesa e a sua primeira história de Portugal sem deixar de destacar a importância dos monges e abades da escola historiológica de Alcobaça, outro polo, ombreando com Santa Cruz de Coimbra, de produção das bases culturais e espirituais que constituíram a raiz do património identitário de Portugal.⁶

No século XVII não podemos escamotear a figura incontornável de Vieira que quis garantir um maior futuro ao grande passado de Portugal para defender e legitimar, no plano da teologia pátria e da utopia profética, a recuperação da independência portuguesa.⁷

O século das Luzes é marcado abundantemente pela ação intelectual e política de figuras do clero na transformação de Portugal no sentido de afinar o país pelos padrões e modelos da Europa Central e do Norte à luz do ideário das nações consideradas mais civilizadas do tempo. Basta recordar o papel do clero secular e regular na assessoria e aconselhamento no governo do Marquês de Pombal, entre os quais, o Padre António Pereira de Figueiredo, Frei João de Mansilha, Frei Manuel do Cenáculo, entre outros, que ajudaram a pensar as reformas, racionalmente instruídas pelos critérios definidos no quadro dos avanços científicos e filosóficos do tempo, para desenvolver o país. E no reinado de Dona Maria I até ao desaguar do liberalismo destaca-se a figura luminar do abade Correia da Serra, embaixador e homem de saber ligado à criação da Academia Real das Ciências de Lisboa.

O Século do liberalismo gerará grandes figuras do clero que serviram em várias regiões do país e investiram na história e na cultura como forma de valorização do seu povo. Mas é precisamente neste contexto novo da história portuguesa e do clero católico que se sentiu dentro da Igreja, depois da extinção das ordens religiosas

⁵ Cf. José Eduardo Franco, “São Teotónio e o Mito das Origens de Portugal”, in Petar Petrov e Marcelo Oliveira (Org.), *A Primazia do Texto: Ensaios em homenagem a Maria Lúcia Lepecki*, Lisboa, Esfera do Caos, 2011, pp. 495-504.

⁶ Sobre o papel das ordens e dos seus membros na formação da nacionalidade ver o primeiro volume desta obra recente: José Eduardo Franco e Luís Machado de Abreu (coord.), *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*, 2 Vols., Lisboa, Paulinas, 2014.

⁷ Padre António Vieira, *Obra Completa*, Dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate, Tomo I, Vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013. Ver texto de introdução.

e em virtude da pressão hostil do ambiente anticlerical reinante, a necessidade de requalificar e reformar a educação do clero para lhe fornecer uma preparação, a fim de vir a poder a estar à altura de responder aos desafios da cultura e das sociedades contemporâneas.

O então célebre padre açoriano Padre Sena Freitas, educador, jornalista, pregador, escritor, defendeu com firmeza a reforma dos estudos dos seminários portugueses no livro vindo a lume em 1909 com o título “A Alta Educação do Padre”, querendo englobar nos *curricula* as disciplinas e conteúdos das ciências modernas de forma a garantir uma atualização e preparação para tornar os sacerdotes novamente detentores de um capital cultural e científico que os tornassem capazes de dialogar e intervir nos ambientes de cultura e ciência das exigentes elites do tempo e ao mesmo tempo serem capazes de contribuir para a criação de uma alta cultura credível de inspiração católica.⁸

Por seu lado, nas próprias ordens e congregações religiosas como aconteceu de forma bem direta com os Jesuítas, que estavam então de novo a regressar das periódicas perseguições e expulsões, entendeu-se que era fundamental preparar membros seus para produzir conhecimento histórico e científico para contrabalançar a produção de conhecimento de matriz laical e anticlerical visto como desfavorável na avaliação do papel da Igreja.⁹

É neste quadro que emerge a figura do Abade de Baçal, ao lado de grandes figuras do clero do seu tempo e continuando uma genealogia de padres que contribuíram para a construção da alta cultura nacional e da sua região. Entre essas figuras suas contemporâneas podemos lembrar alguns, entre muitos, Miguel de Oliveira da Diocese do Porto, Fernando Augusto da Silva da Diocese do Funchal e os jesuítas Francisco Rodrigues e Domingos Maurício.¹⁰

Francisco Manuel Alves (1865-1947), Abade da freguesia de Baçal e depois responsável pelo Museu arqueológico de Bragança, é em terras brigantinas um desses luzeiros da intelectualidade regional com expressão nacional que deixou um legado de investigação de conhecimento de dimensão invulgar. A sua produção é fundamental

⁸ Cf. Sena Freitas, *A Alta Educação do Padre de Sena Freitas e de John Lancaster Spalding*, Coordenação de edição atualizada e do Estudo Crítico de José Eduardo Franco, Prefácio de D. Manuel Clemente, Colaboração de Elísio Gala e Paula Borges, Lisboa, Roma Editora, 2003.

⁹ Cf. Hermínio Rico e José Eduardo Franco (Coord.), *Fé, ciência, cultura. Brotéria – Cem anos*, Lisboa, Gradiva, 2003.

¹⁰ Ver Carlos Moreira Azevedo (Dir.), *História Religiosa de Portugal*, Vol. 3, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

para a história, a etnografia, a arqueologia, a mitografia. O Abade de Baçal é o que podemos chamar com propriedade um arqueólogo da cultura de um território que tem uma importância e uma riqueza de memória da maior relevância para a identidade portuguesa e até mesmo para a salvaguarda diferenciadora da sua unidade territorial frente à vizinha Espanha. Bragança é estudada e valorizada como um dos baluartes e dos contrafortes de Portugal, como bem o demonstrou o Abade de Baçal na pesquisa exaustiva que fez no Arquivo do Simancas sobre o papel da região brigantina na “Restauração de 1640” e noutros estudos sobre conjunturas de emergência militar para defender a integridade territorial do país.¹¹

Perseguindo um ideário de rigor, tornando-se um colector compulsivo e sistemático de todos os elementos documentais que possam “para o estudo interessar”, o Abade de Baçal operou um vasto levantamento de documentos históricos. Como bem nota Francisco Ribeiro da Silva, para além da “perspetiva patriótica” que marca as suas opções de pesquisa e os títulos do seus trabalhos como é o caso da “mística da restauração”, o padre Francisco Manuel Alves “tenta não ser faccioso, pois critica as instituições eclesiásticas quando não foram tão generosas quanto a conjuntura o exigia” para ajudarem o reino de Portugal no esforço de guerra contra os seus inimigos.

É, pois, muito lato o seu leque de pesquisa, desde as épocas mais ancestrais da humanização do território bragantino, em particular do tempo romano, passando pelos períodos da fixação dos povos ditos “bárbaros” que instalaram os poderes proto-cristãos no território, percorrendo naturalmente os grandes marcos da história de Portugal enquanto nação independente. Destaque especial merecem as grandes revolução, guerras e mudanças de dinastias e regimes (1580, 1640, 1820, só para referir os mais importantes).

Um aspeto que é ressaltado por Francisco Ribeiro da Silva é o de que “o Abade, que era claramente um adepto do rigor e da verdade, propõe a correção de erros correntes relativos a ocorrências da história local que, não sendo graves, deixam

¹¹ Para uma contextualização no contexto social, político e religioso do tempo do Abade Baçal ver *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda – 450 Anos da Fundação (Actas do Congresso Histórico)*, Bragança, Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997; e Fernando Sousa, *Bragança na época contemporânea (1820-2013)*, 2 vols., Bragança, CMB, 2013.

mal colocadas, precisamente do ponto de vista de fidelidade à pátria, alguns transmontanos”.¹²

Ao mesmo tempo é de assinalar o cuidado em atacar de frente a judaicofobia portuguesa, desconstruindo o argumento teológico que tomava os Israelitas no seu todo, considerando terem sido um “povo deicida”, isto é, que matou Cristo, filho de Deus. Acusa a corrente antijudaica, que fez muitos mortos, de ser anticristã, tomando a parte pelo todo e esquecendo que o Cristianismo nasceu do tronco da religião abraâmica, cujas figuras fundadoras eram judias: *maxime* Jesus, Maria e apóstolos. Com o mesmo sentido de rigor e de compreensão dos factos para combater a construção da visão do passado com julgamentos sumários, procura integrar fenómenos e práticas históricas no seu contexto, tomando o contexto como o grande intérprete da história, considera que “os horrores do Santo Ofício, a denúncia, a tortura, a polé, a fogueira, são frases bombásticas de efeito teatral, síntese de combatividade que ainda electrizam ignaros e tanto mais quanto menos lhe compreendem a significação; a História imparcial, porém, mostra que esse tribunal nada excede em severidade os códigos penais dominantes ao tempo ainda mais bárbaros e mais selvagens.”¹³

Importa aqui destacar também o seu respeito ecuménico por todos os povos, religiões, culturas, em particular aqueles que foram alvos de polémicas, de perseguições, de construções de imagem negativa ao longo da história portuguesa e sobre os quais escreveu, com um sentido imenso de imparcialidade, combatendo aquilo que nós chamamos os estereótipos sinedocais¹⁴. Escreve a dado passo num dos seus preâmbulos às Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança: “Para mim, um protestante, judeu, maometano, bramanista, confucionista, zoroastrista ou outro de qualquer religião que seja, de boa-fé, merece-me todo o respeito e veneração.”¹⁵

¹² Cf. Francisco Ribeiro da Silva, “Introdução”, in Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo VIII, Bragança, CMB, 2000, p. IV.

¹³ Francisco Manuel Alves, *op. cit.*, Tomo V, p. XII.

¹⁴ Recorrendo ao significado da figura retórica denominada “sinédoque”, figura de estilo que indica o processo de tomar a parte pelo todo, consideramos ser uma das estratégia de demonização do outro, do diferente, do que crê e pensa diversamente de nós, a simplificação e generalização a partir de julgamentos negativos de uma parte que depois se estende ao todo. São estes juízos simplista e simplificados que estão na base da mobilização dos movimentos de intolerância.

¹⁵ Francisco Manuel Alves, *op. cit.*, p. III

Mas o que ressuma claramente do seu labor cultural é a posição que assume perante esta porção de território nacional que faz de Baçal um transmontanismo militante, mas não umbilical ou solipsista, pois fazia deste uma parte excelente da pátria maior que era Portugal. Se alguém lhe chamou um “transmontano puro”, também é verdade que seria um dedicado cidadão português que amava a sua pátria.

No fundo, pela afirmação da cultura local pretende contribuir para a cultura nacional à qual nunca deixa de ligar o local intimamente, pois o nacional dá sentido ao local e o local dá alicerce ao nacional. É bem elucidativa disto mesmo esta afirmação de introito ao seu volume de pesquisa dedicado à arqueologia, etnografia e arte: “Mais um canto talhado para o monumento ao nosso rincão trasmontano, célula do nosso Portugal, que não pode ser amado sem achegas monográficas elucidativas da sua História.”¹⁶

Se há um sentido nacional na sua escrita, ou seja, de valorizar os processos históricos de afirmação e salvaguarda de Portugal como projeto de país independente, esse sentido nacionalizante articula-se com uma centralidade regionalizante pelo enfoque dado a Bragança nesses processos.

Em certo sentido, o Abade de Baçal pode ser considerado uma espécie de proto-autor regionalista como muitos outros houve no país naquela época. Aqui podemos lembrar o caso do seu contemporâneo Madeirense Padre Fernando Augusto da Silva que escreveu o *Elucidário Madeirense* e toda a sua vida intelectual foi dedicada a estudar assuntos históricos da Madeira na sua relação com a história nacional. Nestes autores, o nacional explica-se e ganha força com a afirmação do contributo material, imaterial e identitário do local e do regional.

Tentando ensaiar uma classificação do legado de conhecimento produzido pelo Abade Baçal, os seus estudos relevantes para várias disciplinas de saber podem ser caracterizados como nacionallocalizante. De facto, todos os seus roteiros e resultados de investigação, quando são de interesse nacional e referindo-se a questões nacionais, desaguam sempre no regional e no local ou partem destes.

Pensamos que o grande legado do esforço heurístico do Abade de Baçal, alinhado com o método positivista do tempo que sobrevalorizava o documento na construção da história, tem sido precisamente o de que o entendimento da ideia de nação Portuguesa e do projeto “Portugal” mais do que uma ideia abstrata é um

¹⁶ Ibidem, Tomo IX, p. I.

processo construído a partir das localidades regiões que no conjunto formam o todo nacional.

É nas regiões e nas localidades portuguesas que a ideia de Portugal ganha sentido, substância e consistência e é ali que foi em cada tempo garantida a sua viabilidade como país independente vencendo todas as tentativas históricas de açambarcamento por parte de potências estrangeiras desde romanos, árabes, até espanhóis a franceses.

Tudo o que pudesse interessar à micro-história como à grande história, desde a arqueologia e a epigrafia, passando pela história das ideias e das instituições o Abade de Baçal registou, levantou, deu conta, transcreveu e analisou com um grande afã investigativo à luz da ética científica de ser exaustivo e de nada escamotear como fonte.¹⁷ Eduardo Lourenço na seu famoso livro *Labirinto da Saudade* enfileira o Abade de Baçal entre os mais importantes estudiosos que contribuíram, a partir do tempo do liberalismo, para a renovação do conhecimento sobre Portugal com objetividade e seriedade: “É exato que, ao nível da erudição, do folclore, da própria historiografia, alguma coisa se fez no sentido de um conhecimento mais sério e concreto dos vários aspetos da realidade portuguesa, renovando a herança e as aquisições que do romantismo até aos Matos Sequeira, os Jaime Lopes Dias e os Abade de Baçal, passando pelos Teófilos, Adolfo Coelhos, Carolinas Michaelis e José de Vasconcelos, contribuíram para tornar mais cerrada a tapeçaria da nossa experiência vida de portugueses”.¹⁸

Desde as epígrafes romanas, à história da mulher, desde as guerras de fronteira contra espanhóis e franceses até à questão das rendas do cabido, passando pela prosopografia e o património edificado, desde disputas jurídicas e eclesiásticas à crónica questão do anti-judaísmo e do anticlericalismo e da separação Igreja/Estado tudo mereceu o interesse deste espírito que fez do saber um *hobbie* e um ideal alternativo de vida. Mas tudo nele partia e vinha ter a Bragança. É o próprio Padre Francisco Manuel Alves que considera ser este um sacerdócio completar que preenche o sacerdócio religioso na edificação da sociedade onde a cultura não pode ser o parente menor, antes o campo de intervenção onde os equilíbrios se cimentam. Assim escreve o Abade de Baçal: “Certos de que nos tempos de dissolução e

¹⁷ Ver o texto crítico de Manuel Farinha dos Santos, “O Abade Baçal e a arqueologia pré-histórica de Trás-os-Montes”, in *Brotéria*, Vol. 80, 1965, pp. 509-10.

¹⁸ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise mítica do destino português*, 8ª ed., Lisboa, Gradiva, 2012, p. 68.

esfacelamento que vão correndo, mais do que nunca se torna uma espécie de sacerdócio fortificar o sentimento patriótico, aviventar no passado histórico as convicções cívicas que definem e caracterizam um povo, tornando-se grande sempre que vive vida própria: de que só quando nos embebemos largamente no eu da própria originalidade, na história da nossa terra, do meio étnico em que vivemos se consegue tal desiderato.¹⁹”

É por isso que transmoneidade e o brigancentrismo do Abade de Baçal faz dele um autor não nacionalizante mas nacionalizante e regionalista antes de se falar como hoje de regionalismo. A doutrina epistemológica que subjaz ao seu trabalho intelectual é a de entender que a nação se constrói a partir da região e só no conjunto das regiões e pelo contributo de todas elas a nação se concretiza e viabiliza. A sua entrega ao estudo e as suas opções e missões científicas transportam uma mensagem que hoje ainda tem pertinência como antídoto contra o perigo de uma ideia de país em sentido abstrato, como uma ideia geral que desconhece e descarta o particular e o local.

As ideias universalistas e abstratas, sendo estimuladoras do ponto de vista intelectual, podem correr o risco de desenraizamento e até de servirem mais os interesses centralistas do poder, descurando a atenção às necessidades e à relevância do local e do regional, que têm sido, no fundo, quem têm, contra todos os medos e pessimismos, em momentos decisivos, tornado Portugal como um país viável até aos nossos dias.

¹⁹ Francisco Manuel Alves, *op. cit.*, Tomo IV, p. 5.